

NOGUEIRA, Emir. Campinense. Folha de São Paulo, São Paulo, 29 set. 1974.

## Campinense

*Folha de São Paulo*

29.9.74

EMIR NOGUEIRA

Segundo carta de uma leitora, publicada dias atrás neste jornal, um grupo de moradores da cidade de Campinas não quer saber mais do adjetivo **campineiro**. Pretendem ser chamados **campinenses**. Pelo mesmo caminho, daqui a pouco desejarão que deixemos de ser **brasileiros** para nos transformarmos em **brasilienses**.

O sufixo **eiro**, de fato, não é normalmente usado para indicar procedência ou naturalidade (isto é, não forma adjetivos pátrios, ou gentílicos). Entra com muita frequência na formação de nomes de agentes ou designativos de profissão: padeiro, sapateiro, pedreiro, carpinteiro, jornalista, banqueiro e uma infinidade de palavras da mesma espécie.

Foi precisamente com esse sentido de profissão que se formou a palavra **brasileiro**. Aplicava-se, de início, a pessoas que trabalhavam com o pau-brasil, cultivando-o, vendendo-o ou comprando-o. Até princípios do século XIX, os adjetivos relacionados com Brasil eram **brasiliense**, **brasílico**, **brasiliano**. Lembre-se que o primeiro jornal autenticamente brasileiro (apesar de impresso em Londres) chamou-se "Correio Brasiliense" e apareceu em 1808.

O sentido das palavras, porém, não permanece necessariamente invariá-

vel. Por motivos facilmente compreensíveis, **brasileiro**, com o tempo, deixou de indicar profissão para assumir o caráter de adjetivo pátrio. Designando o natural do Brasil e tudo que ao Brasil se refere, suplantou definitivamente **brasiliense**, **brasílico** e **brasiliano**, que só subsistem, com o antigo sentido, em linguagem erudita. Assinale-se que **brasiliense** ressurgiu, em nossos dias, como gentílico relativo a Brasília, Capital Federal.

O que aconteceu com **brasileiro** ocorreu também com **campineiro** e **mineiro**. Designaram de início o homem que exercia determinada atividade (o que trabalhava em campina ou em mina, respectivamente). A evolução do sentido, para o atual (quem nasce em Campinas ou em Minas Gerais), foi absolutamente natural e é — usemos a palavra — antipática — irreversível. O uso faz a língua e aí o uso está acima de discussões. O mesmo uso, aliás, já fixou a forma **campinense** para o natural de Campina Grande, na Paraíba.

Deixemo-nos pois de novidades. Somos **brasileiros**, quem nasce em Campinas é **campineiro**, o homem de Minas é **mineiro**. Tal seria se os **mineiros** quisessem passar a ser chamados de **mineirenses**...